

Nota de apresentação

Carlos Ascenso André

Sai agora a público o número 6 da revista *Orientes do Português*. Assim se honra um compromisso assumido pela actual equipa responsável, o de colocar a revista em dia com o calendário; este é o número de 2024 e vê a luz do dia a dois meses do final do ano a que respeita.

O nome da revista deixa bem claros, na sua abrangência semântica, os objectivos que se propõe desde a sua fundação, em 2019, ano da publicação do primeiro número.

Não é inocente, de facto, o plural *Orientes*. Esta é a primeira revista científica de língua portuguesa sobre temas que têm a ver com essa língua portuguesa, mas feita a partir do Oriente. Ora esse Oriente é plural, como bem sabemos, nos seus territórios e nas suas geografias: vai da Índia ao Japão e a Timor e abrange espaços tão vários como esses três, mas também o Vietname, a Coreia, o Camboja ou o Laos, o Sri Lanka e tantos outros lugares que a designação "Oriente" por via de regra inclui; os espaços, afinal, onde floresceu e se enriqueceu, em tempos diversos da história, a língua portuguesa, num fascinante e fecundo diálogo intercultural que ainda hoje nos surpreende.

E se é plural a primeira palavra das duas que fazem o título da revista, não menos plural é tudo quanto cabe na segunda, apesar de se exprimir no singular. "Português", de facto, é bem mais que a língua que o lexema designa, é tudo quanto faz a identidade dessa mesma língua e que assume particular valor e especial dimensão na parte do mundo que a primeira palavra representa. "Português" comporta, para além de uma língua, a multiplicidade das culturas que nela se exprimem ou que nela se exprimiram, as culturas que nessa língua fizeram uma viagem de séculos nos caminhos da História sem cada uma delas perder a sua identidade, antes repetidamente a afirmando.

Dito por outras palavras, "Português", aqui, é língua e linguística, é história, é literatura e literaturas, é património, é sociedade em todos os seus componentes, numa palavra é cultura e culturas.

Orientes do Português é tudo isso, razão pela qual cabem nas suas páginas estudos sobre cultura (ou melhor, culturas), sobre linguística, sobre literaturas, sobre história, num permanente e duradouro diálogo do Português (e não dos Portugueses) com os povos com quem desde há mais de cinco séculos vem dialogando essa língua oriunda de um pequeno país situado no ponto onde "a terra se acaba e o mar começa", para parafrasear Luís de Camões, nome maior dessa língua e cujos 500 anos se celebram neste 2024.

Orientes do Português pretende, pois, ser um diálogo plural, como plural é, nas suas múltiplas identidades, o espaço linguístico a que essa língua dá alguma coesão, sem perda ou diminuição da essência de cada um dos povos que o habitam.

O presente número da revista não se afasta deste desígnio. Concebido, em larga medida, a partir de um seminário realizado em Abril de 2024, no formato de videoconferência organizada a partir de Macau, congrega trabalhos estruturados em torno de um eixo central onde predomina a área da linguística — ou melhor, de um dos seus diversos domínios — mas a que subjaz uma outra ideia, a da pluralidade geográfica da língua portuguesa.

Assim se reflete sobre "O Português no Índico", para tratar de algumas demonstrações de "nativização" da língua portuguesa falada em Moçambique (Augusto Soares da Silva) ou sobre as virtualidades de uma velha gramática usada no século XVIII em Trangambar, na Índia (Maria Filomena Gonçalves); um terceiro trabalho dedica-se a uma forma deveras interessante e pouco usual de estudar uma língua, apreciando as alcunhas dos marinheiros registados em navios de pesca no primeiro quartel do século XX (João Paulo Silvestre); dois outros estudos são orientados para a área da lexicologia — um deles estudando a linguagem de anúncios de emprego em países de língua portuguesa, com especial incidência nos nomes de profissões ou funções (Sílvia Ribeiro), e o outro especificamente sobre a formação vocabular, mais concretamente a "construção de palavras em diversas variedades do Português" (Rui Pereira). O último dos trabalhos resultantes do seminário realizado em Abril de 2024 é voltado para a literatura, sem deixar de dar atenção à dimensão vocabular da autora estudada, Judith Teixeira, em cuja obra destaca a presença do fascínio por um certo orientalismo (Martim de Gouveia e Sousa).

Aos seis trabalhos desenvolvidos a partir da apresentação feita no seminário que teve lugar em Abril juntam-se dois outros que não tiveram essa origem, de um estudioso e de uma estudiosa que os submeteram para publicação e que, pela sua qualidade e pela sua pertinência foram acolhidos: um deles, inequivocamente da área da linguística, aborda, em análise contrastiva, o futuro simples no português europeu e o advérbio

"jiang" em chinês (Rafael Francisco Lam Cuerva); o segundo debruça-se sobre um caso específico do ensino do português como língua estrangeira, na circunstância em Timor Leste (Susete Albino).

A todas essas autoras e a todos esses autores a *Orientes do Português* agradece a disponibilidade para colaborarem neste volume da revista e assim a enriquecerem com a partilha das suas reflexões e dos seus saberes, contribuindo desse modo para a consolidação do prestígio da revista junto da comunidade científica.

O seminário realizado em Abril teve a coordenação científica e a dinamização do Professor Rui Pereira, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e que já tinha estado ligado à revista no momento da sua criação; para ele vai, pois, uma palavra de especial reconhecimento.

Com o presente número consolida-se a parceria, em boa hora iniciada, entre a Universidade Politécnica de Macau e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, instituições que assumem em conjunto a edição desde há dois anos. Uma tal parceria é também, em si mesma, uma manifestação de diálogo intercultural, a qual faz jus ao nome da revista: *Orientes do Português* assume-se, se é consentido dizê-lo, como ponte fecunda entre dois territórios unidos pela imensidão de mares que, afinal, cada vez menos os separam.